

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)6 mar 2017 | O Globo | antonio.gois@jeduca.com.br ANTÔNIO GOIS

Desperdício de talentos

Estereótipos sutis de pais e professores contribuem para a baixa proporção de mulheres em carreiras de ciências exatas e biológicas

Mulheres são a imensa maioria, mais de 80%, em cursos como pedagogia, serviço social ou enfermagem. Nas áreas de exatas e ciências da natureza, porém, essa proporção cai significativamente, chegando a menos de 30% em engenharia mecânica, civil ou em análise de desenvolvimento de sistemas, de acordo com o Censo da Educação Superior do MEC. Este fato já seria digno de atenção por contribuir para a desigualdade de gênero no mercado de trabalho, pois carreiras universitárias mais femininas são também aquelas em que os salários são menores. Mas o dado é ainda mais preocupante quando se constata que essas escolhas não são resultado apenas da vocação ou capacidade individual. Estereótipos que se refletem no modo como educamos meninos e meninas impactam diretamente essas decisões.

ALGUNS DOS MECANISMOS que levam a esses padrões são identificados em várias pesquisas. Uma delas foi publicada no mês passado no "Jornal da Associação Americana de Avaliação Educacional", e mostrou que estereótipos implícitos dos professores impactavam na motivação e confiança das meninas para o aprendizado de física. O estudo em questão foi feito com crianças e professores de escolas de ensino fundamental na Áustria, mas a revisão da literatura acadêmica feita no texto mostra resultados idênticos em vários países em que a mesma metodologia foi adotada.

O teste aplicado aos professores austríacos, desenvolvido pela Universidade Harvard, pode ser feito rapidamente pela internet e se propõe a identificar a existência desse e de outros tipos de estereótipos menos visíveis. Os estudos mostram que mesmo pessoas que endossam valores igualitários podem ter atitudes sutis que corroborem padrões de comportamento, tais como dar mais atenção e incentivo a um grupo que, implicitamente, consideram ser mais capaz de aprender um determinado conteúdo.

A vantagem de se identificar atitudes como essa em educadores é que muitos deles se mostram receptivos a utilizar estratégias para evitar discriminar estudantes quando se convencem de que seus gestos implícitos podem estar involuntariamente contribuindo para estigmatizar estudantes.

O problema não está só em sala de aula e nada tem a ver com uma suposta capacidade inferior das meninas para aprender matemática ou ciências. Um relatório divulgado em 2015 pela OCDE, a partir dos resultados do Pisa (exame internacional organizado pela entidade), revelou que, mesmo quando meninos e meninas de 15 anos de idade têm exatamente o mesmo desempenho em matemática, os pais são mais propensos a esperar que seus filhos homens trabalhem num campo da ciência, tecnologia, engenharia ou matemática.



Ignorar essas questões, além de ser um desperdício de talentos, traz prejuízos a todos. Estereótipos explícitos ou implícitos também podem afetar negativamente meninos e explicam em parte o pior desempenho deles em leitura, além do maior risco de evasão e ingresso precoce no mercado de trabalho, especialmente entre jovens de baixa renda.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)